Helena: Personagem protagonista. É sensível e inteligente, arma para que seu suposto irmão se case com Eugênia, mesmo sendo apaixonada por ele.

Estácio: Filho do Conselheiro Vale, faz a vontade póstuma de seu pai ao assumir como sua irmã Helena.

Conselheiro Vale: Morre no início do livro. É um homem cheio de mistério e adota Helena como filha. É pai de Estácio.

D. Úrsula: Irmã do Conselheiro. Ela quem cuida dos filhos de Estácio após sua morte. Tenta resistir aos afetos de Helena, mas não consegue e acaba nutrindo um amor maternal por sua sobrinha.

Dr. Camargo: Amigo do Conselheiro e de sua família. É o pai de Eugênia e quer a qualquer custo ver sua filha casada com Estácio.

Eugênia: Filha de Camargo e noiva de Estácio.

Padre Melchior: Amigo do Conselheiro e de sua família, além de confessor.

Mendonça: Chegando da Europa, hospeda-se na casa de Estácio e se apaixona por sua irmã, ficando noivo dela. Porém, desiste do casamento ao se julgar inferior à condição de Helena.

Salvador: Pai de sangue de Helena.

Ângela: Mãe de Helena. Deixa Salvador para ir morar com o Conselheiro Vale.

A história inicia-se com o falecimento do Conselheiro Vale que reconhece em seu testamento Helena como sua filha, e pedindo que ela seja integrada a família como filha legitima; apesar da resistência de D. Úrsula, Helena sai do internato e vai viver com seu irmão e sua tia, a garota é aceita rapidamente pelo irmão enquanto a tia resiste por mais tempo, Estácio e Helena se aproximam mais a cada dia, em contrapartida ele se afasta de Eugenia, sua noiva, pois com a convivência com a irma, e suas louváveis qualidades, a sua amada parece sem graça. Mendonça, amigo de Estácio chega de sua viagem pelo mundo para passar alguns dias na casa, apaixona-se de cara por Helena e com o apoio dela e do padre Melchior o moço decide pedir a mão da garota ao Estácio, movido pelo ciúme inexplicável, nega o pedido afirmando que Mendonça não possui condições financeiras para casar-se com Helena, essa decisão causa muita intriga e por isso após pensar e discutir muito o assunto Estácio muda de ideia, porém a essa altura Mendonça acredita realmente não ser digno da moça. Após Estácio ver sua irmã sair numa manhã de uma casa azul, próximo a sua casa, foi investigar e acaba por descobrir que Helena não era filha legítima do Conselheiro. Ela era filha de D. Ângela com seu pai. D. Ângela, um dia, que largou seu marido para ir morar com o Conselheiro Vale, impulsionada por um sentimento forte e recíproco. Mesmo Helena não sendo sua filha de sangue, Conselheiro a toma como filha e a cria, até sua morte. Após toda a revelação, Estácio escolhe por deixar que Helena continue sendo reconhecida como filha do Conselheiro Vale, e assim herdeira dos bens. Porém, ela adoece. Mesmo após os dois serem livres para assumirem o amor que nutriam um pelo outro, esse amor não teve tempo de se concretizar, pois, com apenas um beijo dado a sua amada, Estácio se despede dela para sempre. Helena falece.

Publicado em 1876, Helena é caracterizado como um romance urbano de Machado de Assis, por fazer críticas aos costumes sociais do século XIX. Pertencente ao Romantismo, foi publicado, inicialmente, em forma de folhetim no jornal “O Globo”. Após anos de consagração, foi adaptado em forma de novela por várias emissoras. O romance acontece por volta de 1850, em uma sociedade extremamente religiosa e moldada pelos preceitos católicos. Com uma linguagem irônica e melancólica, Machado faz uma crítica à sociedade de aparências. Narrado em terceira pessoa, Helena possui um narrador onisciente. Narrador este que dá voz ao autor para que ele possa caracterizar os personagens fazendo uma análise psicológica deles. Assim, essa se torna uma característica singular das obras machadianas. Podemos notar assim, que no livro, Helena é amplamente analisada; no sentido de que o narrador, emitindo a ideologia do autor, “analisa” não somente a perspectiva atitudinal da personagem, como também o motivo que a levou a ter tal atitude. Se aproximando, portanto, da teoria freudiana, para as personagens femininas. O livro tem um enredo fechado, onde começa com o assunto morte, a morte do Conselheiro, e termina com o mesmo assunto; a morte de Helena. A morte do conselheiro representa o início de descobertas que irão mudar a vida da família Vale. Já a morte de Helena é uma saída do autor para que sua personagem, tão idealizada, corajosa e meiga, não se faça passar por uma leviana ou falsa. A morte de Helena leva os leitores a uma surpresa, em que a tragédia morte é uma saída, já que o amor de Estácio e Helena é proibido, mesmo após a descoberta de toda a verdadeira história da paternidade da donzela. Após sua morte, Helena tem sua alma perdoada. Outras características presentes no textos são a melancolia, a ironia, a linguagem culta e o apelo aos traços fortes das personagens femininas, como a protagonista.

A história se inicia pouco antes da morte de Quincas Borba, que é narrada em Memórias Póstumas de Brás Cubas, amigo de Rubião, o protagonista e professor, que herdou a fortuna do filósofo com a condição de que cuidasse de seu cachorro de mesmo nome- Quincas Borba- assim que recebe a herança Rubião muda-se para o Rio de Janeiro e na viagem de trem até lá conhece o casal Sofia e Cristiano Palha, com quem ele simpatiza e logo se tornam amigos íntimos, o casal promete introduzir o recente milionário à sociedade e cuidar dele. O que Rubião não espera é que o casal acaba aproveitando-se do dinheiro e status dele, o que é acentuado após ele apaixonar-se por Sofia, que encoraja o sentimento dele para que ela e o marido aproveitassem financeiramente. Quando Rubião frustrasse por não poder se relacionar com Sofia e anseia deixar a cidade, porém Cristiano e um Camacho que exploravam o professor o convencem a permanecer. Os Palha começam a enriquecer com os bens de Rubião, o qual começa a sentir ciúmes de Sofia com Carlos Maria, insinuando que ela teria cometido adultério, o que posteriormente provou-se um equívoco. Como não precisavam mais dele o casal se afasta de Rubião que aos poucos enlouquece, chega a perseguir Sofia e se declarar por uma segunda vez, e afirma ser Napoleão III; logo a notícia de sua demência se espalha, seu patrimônio e lucidez diminuem notavelmente a cada dia, os Palha são responsabilizados de cuidar dele, mas logo ele precisou ser internado em um hospício, ele foge com Quincas Borba- o cão- retornam a Barbacena. Ninguém os acolhe então acabam dormindo na rua; no dia seguinte Rubião morre, ainda delirando sobre ser um imperador francês.

A trama de Quincas Borba explora as relações sociais, centrando-se no ingênuo professor Rubião, que descobre a maldade humana ao se mudar para a corte. Sua interação com o casal Palha revela a falsidade das aparências, onde a amizade é manipuladora e interessada. Cristiano e Sofia representam paródias da sinceridade, com o primeiro sendo um falso amigo e a segunda utilizando a sedução para controlar Rubião em benefício do marido.

A obra aborda a traição e o engano, refletindo uma sociedade parasitária disfarçada de transações financeiras e elogios vazios. Personagens, como um diretor de banco e Rubião, evidenciam a importância da demonstração de poder sobre o verdadeiro poder. O título do livro se refere tanto ao filósofo Quincas Borba quanto ao cachorro que herda a fortuna de Rubião, simbolizando a filosofia do Humanitas, que sugere que a sobrevivência depende da exploração do próximo.

Rubião, que não conquistou sua fortuna através de esforço, mas por acaso, representa o anti-Humanitas. Sua gradual loucura, culminando em sua crença de ser Napoleão III, reforça a crítica à credulidade e à superficialidade das relações sociais.

Quincas Borba não é o romance mais conhecido de Machado de Assis – posto disputado por Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro –, mas tem a mesma relevância. Diferentemente do que acontece nessas obras, o narrador, aqui, se apresenta sob o foco da terceira pessoa, mas nem por isso deixa de haver o mesmo questionamento da verdade que caracterizava o autor. A segunda metade do século XIX é um momento de transformações profundas na sociedade brasileira: sua diversificação abre novas oportunidades, ampliando horizontes. Da mesma forma – segundo a sugestão do romance – também surgem novas falcatruas e novos enganadores. São os ladrões de sempre, mas agindo com sutileza maior.

As obras de Machado de Assis são divididas em duas fases: a **fase romântica** (ou de amadurecimento) e a **fase realista** (ou de maturidade).

Na primeira fase, o escritor ainda apresenta características do período romântico; na segunda, considera-se dentro do novo movimento literário realista.

Com relação à poesia, na primeira fase, seus poemas de temática amorosa não apresentam preocupações formais, mas uma linguagem bastante trabalhada. Há também a poesia de temática nacionalista, inspirada por Gonçalves Dias, principalmente as contidas no livro *América*.

Na segunda fase, sua poesia é considerada parnasianista. A poesia produzida no período realista é enquadrada no Parnasianismo, isto é, há uma preocupação tanto com a forma quanto com a linguagem utilizada.

Com relação à prosa, Machado de Assis não apenas inaugura o Realismo no Brasil, mas também sua segunda fase literária com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A partir de então, seus escritos são permeados por análises psicológicas dos personagens, análise da sociedade e crítica aos ideais românticos.

Além disso, há uma mudança formal, com frases e capítulos curtos, e a utilização do recurso de diálogo com o leitor. Antes disso, seus trabalhos em prosa da primeira fase foram considerados (pelo próprio escritor) ingênuos e romanescos.

O que o realismo e o naturalismo têm em comum?

- contrários ao Romantismo, negam a fuga da realidade;
- resgate do objetivismo com descrições detalhadas;

- sugerem a representação fiel da realidade;
- apontam falhas e propõem mudanças de comportamentos humanos e das instituições;
- substituem os heróis românticos por pessoas limitadas e comuns.

Quais as diferenças entre o realismo e o naturalismo?

1. Linguagem

Realismo

- Linguagem direta;
- Uso de adjetivos realistas.

Naturalismo

- Linguagem simples;
- Uso de regionalismos.

2. Personagens

Realismo

- Heróis são mostrados como pessoas comuns, com defeitos, incertezas e manias;
- Personagens com elaboração psicológica trabalhada;
- Demonstração dos defeitos e detalhes da mulher.

Naturalismo

- Ser humano é mostrado como animal;
- Personagens patológicas;
- Impessoalidade.

3. Influências

Realismo

- Materialismo;
- Universalismo;
- Cientificismo.

Naturalismo

- Objetivismo científico;
- Determinismo.

4. Narrativa

Realismo

- Descrições de ambientes e personagens;
- Narrativa lenta.

Naturalismo

- Demonstração de detalhes;
- Harmonia e clareza na composição.

5. Principais temas

Realismo

- Vida cotidiana;
- Subordinação do amor aos interesses sociais;
- Críticas às instituições sociais e aos valores burgueses.

Naturalismo

- Sensualismo e erotismo;
- Temas mais sombrios;
- Engajamento social.